

**Tradição francesa do *Livre de Isaac* (cod. lat. 14891 da B.N.F.):  
Aspectos históricos**

Teresa Cristina Alves de Melo  
FALE-UFMG  
teresacristinamelo@yahoo.com.br

**RÉSUMÉ:** Dans cet article, nous présentons quelques aspects historiques du manuscrit médiéval du *Livre d'Isaac* (cod. lat. 14891 de la B.N.F.), dont l'édition paléographique et lexicale est menée dans notre recherche doctorale au "Pós-Lin" de la Faculdade de Letras de l'UFMG. Nous présentons, aussi, l'édition interprétative du premier chapitre du *Livre d'Isaac*. Le manuscrit est une traduction en français médiéval, probablement faite à partir d'une version latine du texte d'Isaac le Syrien. Ce texte a eu grande circulation au Moyen Âge, en raison de son importance comme texte fondamental pour l'orientation des moines.

**MOTS-CLÉS:** philologie; linguistique; Moyen Âge; Isaac le Syrien; manuscrit.

**1. Introdução**

Edições de textos antigos acompanhadas de glossários contribuem para o desenvolvimento das mais diversas áreas do conhecimento. No caso da tradução francesa do *Livre d'Isaac*, nossa pesquisa contribui naturalmente para o avanço do conhecimento nas seguintes áreas:

- Crítica textual românica: a edição de um códice medieval possibilita a avaliação das técnicas então utilizadas, além de ampliar o conhecimento ligado às normas de transcrição e edição de manuscritos medievais.

- Linguística histórica românica: a edição de um texto inédito pode expor elementos de grande importância nos campos da fonologia, morfologia, sintaxe e léxico.

- Literatura românica medieval: por se tratar de um texto místico pouco explorado pelos estudiosos da literatura medieval.

- Tradução: a edição pode colaborar para um estudo comparativo entre as traduções do *Livre d'Isaac* para as línguas românicas, permitindo avaliar as convenções do processo tradutório na Idade Média românica.

Além das contribuições acima enumeradas, pode-se considerar também o fato de

que uma edição de um texto francês medieval inédito pode colaborar para abrir campo, no Brasil, para estudos do francês medieval, dada a ausência de bibliografia em língua portuguesa de tais estudos. Embora os estudos do francês medieval sejam bastante difundidos na Europa e a língua francesa seja das mais pesquisadas no âmbito dos estudos medievais, o Brasil quase não oferece possibilidades além do estudo da língua francesa moderna e de um panorama dessa literatura como um todo.

## 2. Vida, obra e doutrina de Isaac de Nínive

Isaac de Nínive, também conhecido como Isaac, o siríaco, nasceu em *Bet Qatraye* (no atual Qatar que faz parte, hoje, dos Emirados Árabes Unidos), na costa ocidental do Golfo Pérsico. Na juventude, Isaac entrou para um monastério e, devido ao seu conhecimento das escrituras e da tradição religiosa, foi precocemente considerado um mestre. Por volta de 648 d.C., uma ruptura separa os bispos do Qatar e da Pérsia oriental dos católicos de Séleucie-Ctésiphon, chefe da igreja da Pérsia. É provavelmente, nesse período que Isaac decide viver entre os solitários em *Bet Huzaye*. Quando, em 676, a ruptura é dissolvida, Isaac, em reconhecimento por sua vida ascética rigorosa, é ordenado bispo de Nínive no Mosteiro de *Bet'Abbe* (no atual Iraque), cargo ao qual renuncia cinco meses depois para viver como anacoreta na Montanha de *Matut* (no sudoeste do atual Irã), por acreditar que o ministério pastoral poderia perturbar sua vida solitária.

Isaac, posteriormente, aprofundou seus conhecimentos das Sagradas Escrituras e escreveu suas obras, dentre as quais cinco volumes de ensinamentos aos monges, no Mosteiro de *Rabban Shabur* (também no atual Irã). Devido aos esforços feitos na dedicação à leitura e à escrita, Isaac foi gradativamente perdendo a visão, fato que ocasionou a existência de outros punhos na escrita de sua importante obra. “Sua grande ascese, sua assiduidade à leitura e ao estudo o fizeram perder a visão, mas os outros monges se apressaram em escrever os ensinamentos que ele não mais podia redigir por si mesmo.”<sup>1</sup> Morreu cego e em idade avançada, tendo sido enterrado no próprio Mosteiro de *Rabban Shabur*. Seus textos teriam sido escritos por volta do ano 688, e seu falecimento ocorrido em torno do ano 700. É bastante provável que Isaac tenha sido

---

<sup>1</sup> Cf. Deseille, P. *Saint Isaac le Syrien, Homélie. Extraits choisis et traduis par l'Archimandrite Placide Deseille*. Saint-Laurent-en-Royans: Monastère de Saint-Antoine-le-Grand, 1995, p. 4: *Sa grande ascèse, son assiduité à la lecture et à l'étude lui firent perdre la vue, mais les autres moines s'empressaient à écrire les enseignements qu'il ne pouvait plus rédiger lui-même.*

venerado como um santo padre da Igreja ortodoxa ainda em vida.

A obra de Isaac de Nínive se encontra em um ponto ainda pouco claro no que diz respeito à sua catalogação. As fontes mais antigas apontam ora para sete livros, ora para cinco. Segundo Alfeyev,<sup>2</sup> não é possível saber se se trata de uma classificação diferente ou se existem ainda textos desconhecidos. O autor atesta que, atualmente, podem-se dividir os escritos de Isaac de Nínive em dois grupos, um largamente conhecido e traduzido em diversas línguas, e outro recém descoberto.

O primeiro grupo compreende oitenta e dois discursos, que foram transmitidos em dois diferentes ramos: um oriental e um ocidental. O ramo oriental foi editado pela primeira vez por Paul Bedjan e representa, segundo Alfeyev, o único testemunho impresso dessa parte da obra de Isaac.<sup>3</sup> Do ramo ocidental, encontram-se vários manuscritos, dos quais o mais antigo remonta ao séc. IX ou X. O segundo grupo das obras de Isaac é composto de quarenta e um documentos de diferentes extensões, um deles, porém, contendo quatro *Centuries sur la connaissance*, compõe sozinho a metade de todo o conjunto. Dois discursos da segunda parte reproduzem, exatamente, dois daqueles que constam na primeira parte; dessa forma, o conjunto dos escritos de Isaac soma cento e vinte e um discursos. Para Alfeyev, o ramo oriental reflete melhor o texto original de Isaac, enquanto que o ocidental representa uma releitura siríaco-ortodoxa.<sup>4</sup>

A partir do ramo ocidental da obra de Isaac foi feita a tradução do original em siríaco para o grego, em fins do séc. VIII e início do séc. IX, por Abraham e Patríkios, dois monges da Palestina. Essa tradução, bastante literal e a conter várias passagens pouco claras do original de Isaac, foi impressa pela primeira vez em Leipzig, em 1770. Excertos em georgiano e árabe foram, também, traduzidos diretamente do siríaco. A partir do grego, a obra de Isaac foi traduzida para o georgiano e árabe (séc. XI), o eslavônico e o latim (séc. XIV). Embora sessenta e oito dos oitenta e dois capítulos da *Primeira parte* tenham sido traduzidos para o grego antigo, somente vinte e seis foram traduzidos para o latim. A partir do latim, a obra do Isaac passou ao português, espanhol, catalão, francês e italiano (séc. XV e XVI).

A doutrina de Isaac visa a conduzir o monge à contemplação de Deus, em um modo de vida que antecipa a vida celeste. Nesse caminho, porém, vários obstáculos

---

<sup>2</sup> Cf. Alfeyev, H. *L'univers spirituel d'Isaac de le Syrien*. Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 2001, *passim*.

<sup>3</sup> Cf. Alfeyev, *op. cit.*, *ib.*

<sup>4</sup> Cf. Alfeyev, *op. cit.*, *ib.*

precisam ser vencidos: as paixões do corpo, as sugestões do demônio, as lembranças da alma, que corrompem sua verdadeira natureza, e a inacessibilidade de Deus, pois mesmo aquele que percorre todo o caminho de ascese deve esperar até que Deus se revele por si mesmo. A doutrina de Isaac aponta para três etapas essenciais para ascender à contemplação: a corporal, a física e a espiritual. Segundo Khalifé-Hachem, “essas etapas correspondem aos três níveis da personalidade humana; elas têm uma significação mais antropológica que cronológica, embora Isaac esteja pouco preocupado em sistematizar sua concepção de homem.”<sup>5</sup>

“Etapas corporal”: o monge deve purificar seu corpo da impureza carnal. Para isso, é preciso que pratique os trabalhos e obras “corporais”, em que são especialmente valorizados o jejum, a vigília e a oração. A primeira virtude da etapa corporal é o temor a Deus, que nasce da renúncia ao mundo e se fortifica na meditação da ordem futura. Nessa etapa o homem é, ainda, incapaz que atingir a verdadeira oração, que só é possível acima das coisas terrestres. Segundo Isaac, a solidão é uma condição indispensável para o sucesso dessa etapa: “Somente aquele que se distanciou do mundo pode aproximar-se de Deus.”<sup>6</sup>

“Etapas física”: para essa, é necessário que o monge já tenha avançado na “etapa corporal”. Aqui, o monge deve purificar seu coração e sua alma através da luta contra os vícios, os pecados e os pensamentos estranhos à sua natureza, restabelecendo-se seu estado “original”, puro. A purificação da alma se dá em duas etapas: é preciso, primeiro, purificá-la dos movimentos em direção às coisas corruptíveis, contemplando apenas a sabedoria que Deus concedeu a ela; em seguida, a alma precisa desviar-se completamente das coisas exteriores, voltando ao seu estado original.

“Etapas espiritual”: é o ápice da conversão do monge, ocorre apenas após o derramamento das lágrimas, que é o sinal de purificação da alma. Nessa etapa, ocorre a renovação e o nascimento, no monge, de um “homem novo”, o “homem espiritual”. Nesse ponto, o homem torna-se capaz, por dom do Espírito Santo, de vislumbrar os bens do mundo vindouro, posteriores à ressurreição. Segundo Isaac, “a etapa espiritual é a prática sem os sentidos... A densidade do corpo é, então, abolida e a visão torna-se

<sup>5</sup> Cf. Khalifé-Hachem, E. Isaac de Ninive. In: Viller, M. *et alii*. *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*. Paris: Beauchesne, 1971. Tome VII, partie 2, cols. 2041-2054: *Ces étapes correspondent aux trois niveaux de la personnalité humaine; elles ont une signification anthropologique plutôt que chronologique, bien qu'Isaac se soit peu préoccupé de systematiser sa conception de l'homme.*

<sup>6</sup> Cf. Khalifé-Hachem, E. Isaac de Ninive. In: Viller, M. *et alii*. *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique. Doctrine et histoire*. Paris: Beauchesne, 1968. Fascicule XLIV, col. 2043: *Ne peut s'approcher de Dieu que celui qui s'est éloigné du monde...*

espiritual” (Khalifé-Hachem, *op. cit.*, 1968, col. 2049).

O *Livre d’Isaac* descreve detalhadamente tais etapas da “conversão do monge”, ressaltando que, mesmo ao ter alcançado a purificação, o monge não deve acreditar no fim de sua batalha: embora adentrando a “conversão espiritual”, ele não se torna perfeito, já que isso é impossível nesta vida.

A obra de Isaac de Nínive conheceu vasta difusão ao longo dos séculos: grande número de manuscritos e edições impressas veiculou-lhe a palavra em diversas partes do mundo, nas mais variadas línguas. Ainda não existe um estudo extenso sobre as vias de transmissão da obra de Isaac, que dê conta de todos os manuscritos e edições impressas, nas diversas línguas para as quais foi traduzida. Entretanto, citamos como trabalhos significativos para as descrições parciais do processo de difusão dessa obra aqueles de Chabot,<sup>7</sup> Petit,<sup>8</sup> Khalifé-Hachem,<sup>9</sup> Miller,<sup>10</sup> Bunge,<sup>11</sup> Deseille,<sup>12</sup> Chialà,<sup>13</sup> Cambraia (2000a, 2002, 2005a, 2007a, 2007b, 2008b),<sup>14</sup> Cambraia, Melo e Vilaça,<sup>15</sup> Vilaça<sup>16</sup> e Melo.<sup>17</sup>

### 3. A tradição do *Livre d’Isaac*: do siríaco ao francês

---

<sup>7</sup> Cf. Chabot, J.-B. (org.) *De S. Isaaci Ninivitaie vita, scriptis et doctrina*. Paris: E. Leroux, 1892.

<sup>8</sup> Cf. Petit, L. Isaac de Ninive. In: Vacant, A. et alii. *Dictionnaire de théologie catholique contenant l’exposé des doctrines de la théologie catholique leurs preuves et leur histoire*. Paris: Letouzey et Ane, 1924. Tome VII, partie 1.

<sup>9</sup> Cf. Khalifé-Hachem, *op. cit.*, 1971.

<sup>10</sup> Cf. Miller, D. (trad.) *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Translated by Dana Miller. Boston (Mass.): The Holy Transfiguration Monastery, 1984.

<sup>11</sup> Cf. Bunge, G. Mar Isaak von Ninive und sei “Buch der Gnade”. *Ostkirchliche Studien*. Würzburg, vol. XXXIV, n. 1, p. 3-22, 1985.

<sup>12</sup> Cf. Deseille, *op. cit.*

<sup>13</sup> Cf. Chialà, S. *Dall’asceti eremitica alla misericordia infinita. Ricerche su Isaaco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2002.

<sup>14</sup> Cf. referências finais.

<sup>15</sup> Cf. Cambraia, C. N.; de Melo, T. C. A.; Vilaça, C. E. L. Tradição latino-românica do “Livro de Isaac”. análise de alguns lugares-críticos. *Filologia e linguística portuguesa*. São Paulo, vol. X (no prelo), 2008b/ Cambraia, C. N.; de Melo, T. C. A.; Vilaça, C. E. L. *Tradição latino-românica do “Livro de Isaac”. Montando o quebra-cabeças*. Niterói: 2008a (comunicação apresentada no “III Encontro internacional de filologia”, na Universidade federal fluminense, em Niterói, no período de 15 a 19 de setembro de 2008).

<sup>16</sup> Cf. Vilaça, C. E. L. *Edição e estudo linguístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval “Livro de Isaac”. Subsídios para o estudo da tradição italiana*. Belo Horizonte: Núcleo de estudos de crítica textual da Faculdade de Letras da UFMG, 2004 (relatório final de iniciação científica)/ Vilaça, C. E. L. *Libro dell’abate Isaac di Siria. Edição crítica e glossário*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009 (tese de doutorado em estudos linguísticos, em preparação).

<sup>17</sup> Cf. de Melo, T. C. A. *Tradição francesa do “Livro de Isaac” (cod. lat. 14891 da B.N.F.). Aspectos históricos e codicológicos* (comunicação apresentada no “Simpósio internacional de Letras”, na Universidade Vale do Rio Verde, em Caxambu, no período de 22 a 25 de abril de 2009)/ de Melo, T. C. A. *“Livre d’Isaac” Abbé de Syrie (cod. lat. 14891 da B.N.F.). Edição e glossário*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009b (tese de doutorado em estudos linguísticos, em preparação).

Nossa pesquisa lida com o *Livre d'Isaac* na versão francesa, obra concernente ao primeiro grupo, de acordo com a classificação da obra de Isaac de Nínive. O *Livre d'Isaac*, tratado ascético elaborado por Isaac de Nínive em fins do século VII d.C., escrito originalmente em siríaco, conheceu grande circulação na Idade Média. Sua difusão, na Europa, deu-se devido a várias traduções. De acordo com o levantamento feito por Cambraia (2000a),<sup>18</sup> é possível identificar traduções para as seguintes línguas: árabe, amárico, georgiano, eslavônico, russo, moldavo, japonês, latim, grego, alemão, inglês, espanhol, catalão, francês, italiano e português. A tradução para o latim foi feita a partir do grego. Uma vez traduzido para o latim, o *Livre d'Isaac* foi objeto de tradução para várias línguas românicas. Enquanto que, em algumas línguas românicas, é possível encontrar diversos manuscritos - como é o caso, por exemplo, do italiano, que conta vinte e três manuscritos<sup>19</sup> - em francês só se tem notícia do manuscrito presente no cod. lat. 14891 da *Bibliothèque Nationale de France* (B.N.F.).

Segundo Cambraia, da obra de Isaac de Nínive como um todo, no que diz respeito à língua francesa, existe uma tradução completa do árabe por Paul Sbath, em edição de 1934 e intitulada *Traité religieux, philosophiques...*,<sup>20</sup> uma coletânea de excertos publicados por Jean Gouillard em 1953 (*Petite philocalie de la prière du coeur*)<sup>21</sup> e outra tradução, por Hotman de Velliers, de alguns excertos da obra de Isaac, cuja fonte utilizada para verter não é informada.<sup>22</sup> Há, ainda, uma obra de Khalifé-Hachem, intitulada *La prière pure et la prière spirituelle selon Isaac de Ninive*, de 1969.<sup>23</sup> Uma tradução da edição grega foi publicada em 1981, em francês, por Jacques Touraille.<sup>24</sup> Constatamos que, além dessas publicações citadas por Cambraia, em 1995 saiu a obra de Deseille.<sup>25</sup> Mais modernamente, em 2003, foram publicados pela *Abbaye de Bellefontaine* alguns discursos recentemente descobertos; essa editora já havia publicado, em 2001, uma tradução da obra de Hilarion Alfeyev,<sup>26</sup> e preparava um novo volume a sair em fins de

---

<sup>18</sup> Cf. Cambraia, C. N. *Livro de Isaac. Edição e glossário (COD. ALC. 461)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2000a (tese de doutorado em filologia e língua portuguesa).

<sup>19</sup> Segundo Vilaça, C. E. *Libro dell'Abate Isaac di Síria (cód. ricc. 1489 da B.N.F.). Edição e confronto com a edição princeps de 1500*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008 (dissertação de mestrado em estudos linguísticos), quatro deles são apenas excertos.

<sup>20</sup> Cf. Cambraia, *op. cit.*, 2000a, *passim*.

<sup>21</sup> Cf. Cambraia, *op. cit.*, 2000a, *ib.*

<sup>22</sup> Cf. Cambraia, *op. cit.*, 2000a, *ib.*

<sup>23</sup> Cf. Cambraia, *op. cit.*, 2000a, *ib.*

<sup>24</sup> Cf. Cambraia, *op. cit.*, 2000a, *ib.*

<sup>25</sup> Cf. Deseille, *op. cit.*, 1995.

<sup>26</sup> Cf. Alfeyev, *op. cit.*, 2001.

2008.<sup>27</sup> Os discursos e as homilias são o principal foco de atenção dessas publicações...

Quanto ao *Livre d'Isaac*, há uma tradução para o francês, feita possivelmente do latim e presente no cod. lat. 14891 da *Bibliothèque Nationale de France*. Esse códice, outrora pertencente à *Abbaye de Saint-Victor* de Paris e, posteriormente, entregue à *B.N.F.* durante a Revolução, tem chances de ser uma tradução do cod. lat. 659 - que se encontra na *Bibliothèque Mazarine*, em Paris - também proveniente daquela abadia e datado nos catálogos dessa instituição, como sendo do século XV. Como é fato conhecido que essa abadia possuía um *scriptorium* bastante produtivo, não seria impossível que essa cópia tenha sido feita na própria *Abbaye de Saint-Victor*. Todavia, não existe nenhum indício que possa confirmar essa suspeita. Tal tradução é o único manuscrito conhecido em língua francesa. Não se conhecia nenhuma descrição substancial - codicológica ou paleográfica -<sup>28</sup> ou edição de qualquer natureza que tivesse sido feita com base nesse texto da *Bibliothèque Nationale de France*, antes daquelas por nós apresentadas em nossa pesquisa.

#### 4. A *Abbaye de Saint-Victor* de Paris

O cod. lat. 14891, objeto de nossa pesquisa, faz parte de um conjunto de centenas de manuscritos que pertenciam à *Abbaye de Saint-Victor* de Paris e passaram à *Bibliothèque Nationale* em 1796. A Revolução fechara-lhe a biblioteca em 1791.<sup>29</sup> A fim de conhecer um pouco mais sobre a história do códice, buscamos informações sobre essa abadia, assim como sobre sua biblioteca que, desde tempos remotos, já figurava como um importante centro cultural católico.

A *Abbaye de Saint-Victor* foi fundada no ano 1108 por Guillaume de Champeaux nas redondezas de Paris, sítio onde hoje funciona a Universidade de Paris Jussieu. Essa fundação se deu devido ao fato de que Guillaume de Champeaux - arqui-diácono da Notre-Dame de Paris, professor e possuidor de grande número de alunos -, ao renunciar à sua cadeira, retirou-se para um pequeno eremitério dedicado a *Saint-Victor*, na *Montagne Sainte-Geneviève*. Seguindo-o muitos de seus alunos, incentivaram-no a retomar suas lições; daí a origem da *Abbaye Royal* e da *École de Saint-Victor*. Guillaume tornou-se um cônego regular, mas, a pedido de São Bernardo,

<sup>27</sup> Ainda não tivemos notícia sobre se a obra já foi lançada.

<sup>28</sup> Apenas descrições bastante resumidas e insuficientes foram encontradas.

<sup>29</sup> Cf. Delisle, L. *Le cabinet de manuscrits de la B.N.F. Texte 2, salle 498. Abbaye de Saint-Victor*. Paris: Auguste Durand/ Pedone-Lauriel, 1874. Vol. II, p. 209.

foi feito Bispo de Châlons em 1113, e sucedido em *Saint-Victor* por Gilwin.

A abadia, por “generosidade” de papas, reis, rainhas, e nobres, foi imediata e ricamente mantida. Numerosas casas religiosas de cônegos regulares foram reformadas por seu cônego: Santa Genoveva (Paris), Wigmore, no País de Gales, Santo Agostinho (Bristol), Santa Catarina (Waterford), São Tomás (Dublim), São Pedro (Aram e Nápoles) e outras. Não menos que quarenta abadias da ordem de *Saint-Victor* são mencionadas em seu último testamento pelo Rei Luís VIII, que deixou todas as suas joias para o levantamento de uma igreja, além de quatro mil libras para serem igualmente distribuídas entre elas.

As tradições de Guillaume de Campeaux foram transmitidas, e *Saint-Victor* tornou-se um centro de devoção e erudição. A escola, ao lado de Santa Genoveva e Notre-Dame, foi o berço da Universidade de Paris; viajaram “multidões” de estudantes de muitos países para essa renomada escola. Não se tratava apenas de uma abadia e uma escola, mas de um grande centro cultural a envolver uma linhagem singular de mestres de estudos bíblicos, de teologia, de mística, de pastoral e de pregação, num esforço original por unificar esses diversos domínios de estudo e atividade. Além de um grande número de religiosos renomados e dos igualmente renomados autores “vitorinos”, nomes como o do escritor Rabelais<sup>30</sup> e o do poeta e compositor Adam de Saint-Victor estão ligados à história dessa abadia.

Por volta de fins do século XV, sinais de decadência surgiram na *Abbaye*. Alguns esforços foram feitos para reformá-la, mas os resultados não foram satisfatórios. Apesar disso, em meados do séc. XVIII, a biblioteca da *Abbaye de Saint-Victor* ainda guardava, aproximadamente, trinta e cinco mil impressos e três mil manuscritos. Encontrava-se aberta das oito às onze da manhã e das duas às quatro da tarde (no verão até às cinco horas), às segundas, quartas e sábados, até a Revolução Francesa.<sup>31</sup> No final do século XVIII, a igreja e as outras construções foram vendidas, e a famosa biblioteca dispersada. Embora a abadia tenha sido fechada em 1792,<sup>32</sup> suas construções sobreviveram até 1815, quando, enfim, foram demolidas. Há ainda poucos conventos em Bruges, Yprès e Neuilly que mantêm o espírito que receberam, originalmente, da *Abbaye de Saint-Victor*.

<sup>30</sup> No sétimo capítulo de sua obra, *Gargântua e Pantagruel*, Rabelais menciona a biblioteca de *Saint-Victor*.

<sup>31</sup> Cf. Frankilin, A. *Histoire de la bibliothèque de l'Abbaye de Saint-Victor à Paris*. Paris: Auguste Aubry, 1865.

<sup>32</sup> A data de fechamento da biblioteca varia entre 1791 e 1792 nas bibliografias consultadas.

## 5. A biblioteca da *Abbaye de Saint-Victor de Paris*

Uma vez que a *Abbaye de Saint-Victor* era mantida principalmente pela nobreza, sua biblioteca atingiu proporções não muito comuns naquela época. As doações eram em grande número, e havia enorme preocupação em zelar pela coleção. Dentre os cuidados tomados para a preservação do acervo, várias prescrições referentes à biblioteca estavam presentes nas constituições da ordem da abadia,<sup>33</sup> o que não impediu o desaparecimento de inúmeros volumes que, por vezes, eram até mesmo vendidos: alto preço pago pela biblioteca por ter sido aberta não só para os estudantes da ordem, mas também para os estudantes e mestres de outras escolas (tal abertura à população geral foi, muitas vezes, algo exigido pelos doadores de boa parte do acervo). Numa tentativa de impedir roubos e desvios, ameaças de excomunhão e maldições eram escritas nos livros com intuito de atemorizar os leitores, como por exemplo: “Este livro é de *Saint-Victor* de Paris: quem quer que o furete, ou extravie, ou apague este título, seja excomungado, amém.”<sup>34</sup>

Além das doações, a biblioteca era também, em grande parte, alimentada pelo *scriptorium*, como todos os grandes estabelecimentos religiosos daquela época. O *scriptorium* da *Abbaye de Saint-Victor* era conhecido como de grande erudição, e as funções de seus copistas divergiam daquelas de simples calígrafos. Quanto a isso, comenta Ouy (1999, p. 27): “Na Idade Média tardia, os copistas vitorinos não eram mais, em geral, calígrafos muito hábeis, mas eles parecem ter sido, em sua maioria, inteligentes e cultos”.<sup>35</sup>

A importância do *scriptorium* da *Abbaye de Saint-Victor*, porém, vai muito além da presença de seus copistas cultos. Ali figurava um grupo de autores vitorinos tão originais e eruditos que, por suas atividades, eram então considerados como “les grands victorins”. Dentre os nomes mais célebres estão aqueles de Godefroid de Saint-Victor, Gautier de Saint-Victor, o cronista Jean de Saint-Victor, Guillaume de Saint-Lo, autor de sermões, e Henri le Boulanger.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> Uma tradução resumida dessas prescrições pode ser encontrada em Delisle (cf. *op. cit.*, 1874, p. 225).

<sup>34</sup> Cf. Delisle, *op. cit.*, 1874, p. 227: *Iste liber est Sancti Victoris Parisiensis; quicumque eum furatus fuerit, uel alienauerit, uel titulum istum deleuerit, anathema sit, amen.*

<sup>35</sup> Cf. Ouy, G. *Les manuscrits de l'Abbaye de Saint-Victor. Catalogue établi sur la base du repertoire de Claude Grandrue (1514)*. Turnhout: Brepols Publishers, 1999. Tome I/II, p. 27: *Au Moyen Age tardif, les copistes victorins n'étaient plus, en général, des très habiles calligraphes, mais ils semblent avoir été pour la plupart intelligents et cultivés.*

<sup>36</sup> Comentários sobre esses autores e menção a algumas de suas obras mais importantes estão presentes

Apesar de todas as perdas, no final do século XV a *Abbaye de Saint-Victor* de Paris possuía um acervo impressionante, devido à chegada dos livros impressos, que vieram juntar-se aos antigos livros. Para abrigar esse acervo crescente, foi construída uma nova biblioteca por Guillaume Tupin, no início do século XVI. Entretanto, no decorrer do século XVIII ela se tornava insuficiente, sendo então empreendidas novas construções. Estas foram arruinadas pelos acontecimentos de 1789.

No período em que Guillaume de Tupin se ocupava da construção da nova biblioteca, outro religioso - personagem de grande importância na história dessa biblioteca - Claude Grandrue, dedicava-se à classificação dos manuscritos e à redação dos catálogos que foram usados durante três séculos e, ainda hoje, são consultados por estudiosos do acervo de *Saint-Victor*. Naquela época, tratava-se de novecentos e noventa manuscritos, que foram classificados em três filas de escrivatinhas. A primeira fila era classificada por letras simples, de “a” a “t”, a segunda, por letras dobradas, de “aa” a “tt” e a última por letras triplicadas, de “aaa” a “mmm”. O códice de nossa pesquisa, nesta antiga numeração, recebe a indicação “LL14”.<sup>37</sup> Além dessa classificação, Grandrue numerava os fólhos dos manuscritos e escrevia, no início ou fim de cada códice, um índice dos livros que o compunham.

Claude Grandrue organizou a biblioteca em três alfabetos para adaptá-la à nova instalação construída no século XVI, mais espaçosa e com maior número de janelas. Cada letra do alfabeto consistia em um número irregular de volumes, que variava entre treze e vinte e nove unidades. Ouy tira algumas conclusões quanto ao sistema de classificação utilizado por Grandrue.<sup>38</sup> Além de temas tais como: Antigo e Novo Testamento, Obras sobre a Bíblia, Glosas literárias sobre a Sagrada Escritura, Comentários sobre as Sentenças e questões teológicas, Direito, Medicina, Homilias, Teologia moral, Moral, Política, Obras sobre as virtudes e os vícios, Sermões, Obras históricas, Crônicas, Vida de Cristo, Vida de Santos, Artes e técnicas, Retórica, Humanismo, Gramática e léxico, Poesia, Filosofia, Lógica, Glosas sobre os Salmos e Diversos, algumas letras do alfabeto indicavam obras de um determinado autor (como, por exemplo, Albert le Grand, Thomas d’Aquin, Jean Gerson e Pierre Bersuire) ou um grupo de autores (Autores antigos, Autores Vitorinos e Autores diversos). O cod. lat.

---

em Ouy (cf. *op. cit.*, p. 11-14).

<sup>37</sup> Quanto à lógica dessa classificação Ouy (*op. cit.*, p. 54) comenta que “o que caracteriza esse tipo de classificação não é a falta de lógica, mas, antes, a justaposição de diversas lógicas”.

<sup>38</sup> Cf. Ouy, *op. cit.*, p. 51.

14891 (antigo LL14) estava classificado como pertencente à Teologia moral.

Não existe um consenso sobre a originalidade do trabalho de Grandrue. Se, para alguns, é considerado a figura mais importante quanto à classificação do acervo da *Abbaye de Saint-Victor* de Paris, para outros não fez mais do que copiar catálogos de outros bibliotecários. Delisle, por exemplo, considerava Grandrue como o primeiro bibliotecário real da *Abbaye de Saint-Victor*, opinião não compartilhada por Gilbert Ouy:

Claude Grandrue não foi nem “o primeiro bibliotecário real da abadia”, e nem mesmo seu primeiro bibliotecário moderno. Ele foi, ao contrário, seu último bibliotecário medieval, o último depositário de uma longa tradição que se apagou com ele em 1520, mas que pôde, apesar de tudo, sobreviver em certa medida graças a seu catálogo. (...) Ora, esse catálogo era somente a cópia atualizada de um catálogo anterior, o qual deve ter sido precedido por outros inventários.<sup>39</sup>

A explicação, segundo Ouy, para que o catálogo de Grandrue seja considerado como de suma importância para o acervo de *Saint-Victor* é, sem dúvida, sua conservação, uma vez que todos os anteriores desapareceram. No que concerne à nossa pesquisa, tanto o catálogo de Grandrue quanto o inventário de Delisle e, ainda, o catálogo de Ouy foram obras fundamentais para o estudo do cod. lat. 14891.

Após a classificação de Grandrue, o acervo da biblioteca da *Abbaye de Saint-Victor* conheceu outras numerações apenas em meados do século XVII. No ano de 1651, ocorreu uma inundação que provocou a transferência urgente da biblioteca para o primeiro andar. Por causa desse incidente, foram escritos alguns números em grafite ou tinta às margens do catálogo, mas não sobre os manuscritos. Dessa maneira, eles só são úteis para datar eventuais desaparecimentos de obras. As seguintes numerações ocorreram no ano de 1660, feitas por Eustache de Blémur et Louis Le Tonnelier; no ano de 1690, feitas por Antoine Vyon d’Hérouval; aquelas de meados do século XVIII; aquelas atribuídas ao início do século XIX e as cotas atuais. Ouy fez um longo quadro de equivalência dessas numerações (ou cotas). Para este artigo, pensamos ser suficiente identificar apenas aquela concernente ao códice de nossa pesquisa:

---

<sup>39</sup> Cf. Ouy, *op. cit.*, p. 36: *Claude de Grandrue n’a été ni “le premier bibliothécaire réel de l’abbaye”, ni même son premier bibliothécaire moderne. Il fut, tout au contraire, son dernier bibliothécaire médiéval, l’ultime dépositaire d’une longue tradition qui s’éteignit avec lui en 1520, mais qui put malgré tout survivre, dans une certaine mesure, grâce à son catalogue. (...) Or ce catalogue n’était sans doute que la copie mise à jour d’un catalogue antérieur, lequel avait dû être précédé par quelques autres inventaires.*

Atual	Grandrue	1651	1660	1690	séc. XVIII	séc. XIX
cod. lat. 14891	LL14	584	Eg 4	311	770	538

**Quadro 1 – equivalência das cotas do cod. lat. 14891**

Os bens da *Abbaye de Saint-Victor* de Paris se tornaram nacionais em 1790 e, como vimos, em 1792 sua biblioteca foi fechada. Ela oficialmente possuía, então, mil e oitocentos manuscritos, que foram conservados por Ameilhon<sup>40</sup> em sua ordem original, depois de sua transferência para um depósito literário. Em 1796, os manuscritos foram distribuídos, de forma desigual e arbitrária, entre as bibliotecas Nacional, do Arsenal e *Mazarine*, todas em Paris. Segundo Ouy, por causa da grande desordem, na *Bibliothèque Nationale*, dos acervos das confiscações revolucionárias, vários roubos foram realizados. Isso motivou Léopold Delisle a acelerar a produção de um inventário e publicá-lo em 1869.

Na *B.N.F.*, atualmente, encontram-se mil duzentos e sessenta e cinco manuscritos da *Abbaye de Saint-Victor*, uma parte já microfilmada. Conseguimos consultar ali, além do cod. lat. 14891, os microfimes dos catálogos de Grandrue - o alfabético e o topográfico - as obras de Delisle, onde encontramos informações preciosas sobre a Abadia, sua biblioteca e seu acervo e, ainda, os dois volumes da obra de Gilbert Ouy, cuja riqueza contribuiu enormemente para esta pesquisa. Infelizmente, no que diz respeito ao nosso *corpus*, a bibliografia existente para consulta não vai além dessas acima citadas. Não se tem notícia de descrições mais precisas deste códice, assim como não se conhece uma outra edição do *Livre d'Isaac*, feita a partir desse manuscrito, além daquela que propomos em nossa pesquisa.

## 6. Tipos de edição

Ao editar um texto, o editor deve levar em consideração a diversidade dos tipos de edição e decidir por aquela que mais se adequa a seu objetivo em relação àquele texto. O objetivo mais frequente ao se editar um texto é o desejo ou a necessidade de torná-lo mais acessível ao público em geral ou, pelo menos, a um público específico. Ao se definir o público-alvo, o editor se voltará para os interesses do mesmo, pois nem todo tipo de edição seria, então, apropriada. Um texto que, por razões linguísticas, pudesse interessar a um filólogo, poderia não ser de interesse para o público em geral. Outro

<sup>40</sup> Hubert-Pascal Ameilhon nascido em Paris em 7 de abril de 1730 e morto em 1811, historiador e bibliotecário francês.

fator importante ao se decidir pelo tipo de edição é a existência de edições anteriores. Para isso, faz-se necessário conhecer o *campo bibliográfico* do texto em questão,<sup>41</sup> para que sejam evitadas edições redundantes.

Segundo Cambraia, os tipos de edição estariam baseados nos seguintes itens:<sup>42</sup>

- material utilizado: (i) dimensão do livro (de bolso, compacta, diamante/ liliputiana/ microscópica); (ii) qualidade do suporte (popular, de luxo).
- sistema de registro: impressa e digital/ eletrônica/ virtual.
- publicação: *princeps*/ príncipe, limitada, extra/ extraordinária, comemorativa.
- permissão: autorizada, clandestina/ espúria/ fraudulenta/ pirata.
- integralidade do texto: integral, abreviada, expurgada, *ad usum delphini*.
- reelaboração do texto: atualizada, ampliada/ aumentada, modernizada.
- categoria de edições: (i) edições monotestemunhais (fac-similar, diplomática, paleográfica/ semidiplomática, interpretativa; (ii) edições politestemunhais (crítica, genética).

O último item tem um valor especial para a crítica textual e baseia-se na forma de estabelecimento do texto. Para esse trabalho, especificamente, por tratar-se de uma edição monotestemunhal, deveríamos optar entre as edições: fac-similar, diplomática, paleográfica ou interpretativa. Por serem politestemunhais, as edições crítica e genética não foram sequer cogitadas.

A edição fac-similar baseia-se no grau zero de mediação, pois ocorre a reprodução, por meios eletrônicos, da imagem do texto. Esse tipo de edição tem como

---

<sup>41</sup> Cf. Cambraia, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005b, p. 88: “*Campo bibliográfico*” é a designação que propomos para um conjunto de unidades bibliográficas (livros impressos), organizadas em torno de determinado texto: o campo de um texto é o grupo formado pelas edições existentes desse texto”.

<sup>42</sup> Cf. Cambraia, *op. cit.*, 2005b, p. 87-107.

objetivo principal possibilitar que o texto seja conhecido, em sua forma original, por um número maior de interessados. Problemas como a distância geográfica entre o texto e o leitor, ou a inacessibilidade do texto, devido ao seu caráter de preciosidade histórica, podem ser solucionados pela edição fac-similar. Atualmente existe, por exemplo, a possibilidade de se conseguir a reprodução de um documento da *Bibliothèque Nationale de France*, em Paris, em formato P.D.F., ou fotocópia, mesmo no exterior. Nesse caso, porém, textos antigos, em escrita original, demandariam do leitor uma competência paleográfica e/ ou linguística para serem decifrados.

A edição diplomática denota um grau baixo de mediação. Ocorre uma transcrição conservadora dos elementos do texto (abreviaturas, pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular etc.). A mediação do editor ocorre na facilitação da leitura proporcionada ao leitor. O principal passo além, em relação à edição fac-similar, é a transcrição do texto em caracteres modernos e mais legíveis. Em um manuscrito quinhentista, por exemplo, na sua forma original, figuram registros gráficos que um leitor sem habilidades paleográficas teria imensa dificuldade em decifrar. Uma vez transcrito em caracteres modernos, o texto seria mais acessível ao leitor. Nesse caso, um conhecimento histórico da língua seria ainda necessário, pois o leitor deveria ser capaz de, pelo menos, desenvolver as abreviaturas existentes.

A edição paleográfica ou semidiplomática, que expressa um grau médio de mediação, caracteriza-se, basicamente, pelo desenvolvimento das abreviaturas e as inserções e supressões por conjectura. Essa edição oferece, em relação às anteriores, elementos que proporcionam uma maior facilitação na prática da leitura, além de apontar falhas no processo de transmissão do texto, tais como repetição ou supressão de letras, palavras ou mesmo frases inteiras, que por vezes comprometem a compreensão. Essa edição permite a leitura do texto por um público mais amplo que o da diplomática, uma vez que, nesse caso, a capacidade de desenvolver abreviaturas não seria necessária. É preciso dizer que todas as operações de intervenção no texto devem ser assinaladas, deixando assim a liberdade de julgamento ao leitor quanto às decisões tomadas pelo editor. Algumas abreviaturas, por exemplo, contêm mais de uma possibilidade de desenvolvimento. O editor pode optar por uma delas e assinalar sua operação, o leitor pode discordar da escolha do editor, e considerar diferentemente a abreviatura desenvolvida na edição. Na edição semidiplomática, assim como na fac-similar e na diplomática, certo grau de conhecimento linguístico do período da escrita ou cópia do

texto se faz necessário. Essas edições podem ser muito importantes para especialistas de áreas tais como a linguística histórica, tradução, paleografia, filologia, história ou literatura, mas são ainda de grande dificuldade para o grande público.

Na edição interpretativa, as dificuldades gráficas desapareceriam devido à sua uniformização, além do desenvolvimento das abreviaturas e conjecturas, que vão além de falhas óbvias. Variantes fonológicas, morfológicas sintáticas e lexicais não são uniformizadas (essas ocorrem apenas no caso de uma edição modernizada). As uniformizações (pontuação e paragrafação, por exemplo) são, na verdade, uma forma de fixar uma possibilidade de leitura do texto, que representa obviamente a interpretação do editor. Ocorre aqui o grau máximo de intervenção admissível. Embora ela manifeste um alto grau de acessibilidade, seu caráter subjetivo pode distanciá-la muito do texto original. Essa edição é a mais apropriada para tornar o texto acessível ao público geral.

Para este artigo, decidimos por incluir a edição interpretativa do primeiro capítulo do *Livre d'Isaac*, de forma a possibilitar que o leitor possa ter acesso a, pelo menos, uma parte do teor do texto. O texto, propriamente dito, é precedido de um prólogo, que começa na primeira linha do fólio 308r. Esse prólogo se estende até a linha 19 do fólio 308v. O primeiro capítulo do *Livre d'Isaac* inicia-se na linha vinte do fólio 308v e se estende até a metade da linha dezessete do fólio 309r. Para essa edição, foi necessária uma pesquisa relacionada às normas de editoriais dos textos medievais franceses, já que cada língua traz algumas especificidades quanto aos princípios que regem a edição de tais textos. Consideramos que a bibliografia mais indicada para nosso trabalho seria aquela de Vieillard e Guyotjeannin (2001),<sup>43</sup> a qual apresenta conselhos gerais para a edição de textos da Idade Média em língua francesa. Os conselhos sugeridos levam em consideração aspectos tais como: grafia, abreviaturas, separação de palavras, sinais diacríticos, maiúsculas, pontuação, citações, apresentação do texto editado. Embora ocorra certa modernização quanto a alguns aspectos linguísticos da escrita, a edição interpretativa não apresenta a língua francesa tal qual a conhecemos modernamente.

*Livre d'Isaac* (cod. lat 14891 da B.N.F.)

**Chapitre I – De l'onneur donnee as hommes**

---

<sup>43</sup> Cf. Vieillard, F.; Guyotjeannin, O. *Conseils pour l'édition de textes médiévaux. Conseils généraux*. Paris: École Nationale des Chartes, 2001.

**par double doctrine**

L'ame qui aime Dieu ha repos en Dieu seul. Donques commence devant desloier de toi meismes toute obligation de foraine et adont pourras tu estre queillis par cuer a Dieu. Sachiés que la desloiance des choses va devant estre queillis a Dieu. Mengier de pain est donné a l'enfant après le sevrement du lait. Et li homs qui veult estre eslargis es divins biens se doit ançois esloingnier du siecle aici comme li enfes des mameles. Li oeuvre corporele va devant l'oeuvre de l'ame, aici comme en Adan li limons ala devant l'ame inspiree. Qui n'a aquis oeuvre corporele, ne il ne puet avoir l'oeuvre de l'ame. Car ceste naist d'icelle, aici comme li espis d'un grain, et a ceuls qui n'ont l'oeuvre de l'ame faillent li don espirituel. Li labours de cest siecle, qui sont fait pour la nesescité du cors, ne soient mie comparé aus delices qui sont apareilliés a ceuls qui s'afflient en bonnes oeuvres. Auci comme les manieres des leecemens ensievent les semans en lermes, aici ensievent leeches spirituelles l'affiance qui est faite pour Dieu. Li pains qui est aquis par sueur apart estre dous au curtivateur, et les oeuvres qui sont faites pour justice moustrent au cuer que il a parseu la science de Dieu. Soutien dejetement en humilité par bonne volenté si que tu aies envers Dieu seurté. Li homs soustenant toutes dures paroles saignement, sans iniquité, qui isse de lui contre le parlant, met sus son chief la couroune d'espines. Il est bons euré, car en temps en quel il mesconnoist il sera courounés incorruptiblement. Qui fuit la gloire du monde sagement il sent ja devant en son ame le siecle avenir. Qui dit qu'il a lessié le monde et tenche avec les hommes pour l'usage d'aucune chose qui regarde amenuisier son repos, cis ci est aveugles du tout en tout, car il l'a lessié du tout en tout le corps et pour un de ses membres tenche et se combat. Qui fuit le repos de ceste presente vie, la pensee de celui regarde le siecle avenir. Qui est loiés a couvoitises, il est sers des vices.

**Referências**

ALFEYEV, H. *L'univers spirituel d'Isaac de le Syrien*. Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 2001.

BUNGE, G. Mar Isaak von Ninive und sei "Buch der Gnade". *Ostkirchliche Studien*. Würzburg, vol. XXXIV, n. 1, p. 3-22, 1985.

BOURGAIN, P.; VIELLIARD, F. *Conseils pour l'édition de textes médiévaux. Textes littéraires*. Paris: École Nationale des Chartes, 2002.

CAMBRAIA, C. N. *Livro de Isaac. Edição e glossário (COD. ALC. 461)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2000a (tese de doutorado em filologia e língua portuguesa).

\_\_\_\_\_. A difusão da obra de Isaac de Nínive em línguas ibero-românicas. Breve notícia das tradições portuguesa, espanhola e catalã. In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (org.). *Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002, p. 293-315.

\_\_\_\_\_. Contributo ao estudo da tradição latina do “Livro de Isaac”. O cod. ALC 387 da Biblioteca Nacional de Lisboa. *Scripta philologica*. Feira de Santana, n. 1, p. 6-19, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Tradição em língua espanhola do “Livro de Isaac”*. Lisboa: 2007a (comunicação apresentada no “II Congresso virtual do Departamento de literaturas românicas: edição de textos”, na Universidade de Lisboa, em Lisboa, no período de 16 a 20 de abril de 2007).

\_\_\_\_\_. Tradição em língua portuguesa do “Livro de Isaac”. *Caligrama*. Belo Horizonte, n. 12, p. 171-203, 2007b.

CAMBRAIA, C. N.; de MELO, T. C. A.; VILAÇA, C. E. L. *Tradição latino-românica do Livro de Isaac. Montando o quebra-cabeças*. Niterói: 2008a. (comunicação apresentada no “III Encontro internacional de filologia”, na Universidade federal fluminense, em Niterói, no período de 15 a 19 de setembro de 2008).

\_\_\_\_\_. Tradição latino-românica do “Livro de Isaac”. Análise de alguns lugares-críticos. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, vol. X, 2008b.

CHABOT, J.-B. (org.) *De S. Isaaci Ninivite vita, scriptis et doctrina*. Paris: E. Leroux, 1892.

CHIALÀ, S. *Dall'asceti eremitica alla misericordia infinita. Ricerche su Isaaco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2002.

DELISLE, L. *Inventaire des manuscrits de Saint-Victor*. Paris: Auguste Durand/Pedone-Lauriel, 1869.

\_\_\_\_\_. *Le cabinet de manuscrits de la B.N.F. Texte 2, salle 498. Abbaye de Saint-Victor*. Paris: Auguste Durand/Pedone-Lauriel, 1874. Vol. II.

DESEILLE, P. *Saint Isaac le syrien, Homélie. Extraits choisis et traduis par l'Archimandrite Placide Deseille*. Saint-Laurent-en-Royans: Monastère de Saint-Antoine-le-Grand, 1995.

FRANKILIN, A. *Histoire de la bibliothèque de l'Abbaye de Saint-Victor à Paris*. Paris:

Auguste Aubry, 1865.

GRANDRUE, C. *Catalogue alphabetique de la bibliothèque de l'Abbaye de Saint-Victor*. B.N.F., Cod. Lat. 14768 (M 25397).

\_\_\_\_\_. *Inventaire topographique de la bibliothèque de l'Abbaye de Saint-Victor*. B.N.F., Cod. Lat. 14767 (M. 25396).

KHALIFÉ-HACHEM, E. Isaac de Ninive. In: Viller, M. *et alii*. *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique. Doctrine et histoire*. Paris: Beauchesne, 1968. Fascicules XLIV-XLV, cols. 2041-2054.

\_\_\_\_\_. Isaac de Ninive. In: Viller, M. *et alii*. *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*. Paris: Beauchesne, 1971. Tome VII, partie 2, cols. 2041-2054.

LE SYRIEN, I. *Oeuvres spirituelles. 41 discours récemment découverts*. Bégrolles en Mauges: Abbaye Bellefontaine, 2003.

de MELO, T. C. A. *Tradição francesa do "Livro de Isaac" (cod. lat. 14891 da B.N.F.). Aspectos históricos e codicológicos* (comunicação apresentada no "Simpósio internacional de Letras", na Universidade Vale do Rio Verde, em Caxambu, no período de 22 a 25 de abril de 2009).

\_\_\_\_\_. *Livre d'Isaac Abbé de Syrie (cod. lat. 14891 da B.N.F.). Edição e glossário*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009b (tese de doutorado em estudos linguísticos, em preparação).

MILLER, D. (trad.). *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Traduzido por Dana Miller. Boston (Mass.): The Holy Transfiguration Monastery, 1984.

OUY, G. *Les manuscrits de l'Abbaye de Saint-Victor. Catalogue établi sur la base du repertoire de Claude Grandrue (1514)*. Turnhout: Brepols Publishers, 1999. Tomes I/II.

PETIT, L. Isaac de Ninive. In: VACANT, A. *et alii*. *Dictionnaire de théologie catholique contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique leurs preuves et leur histoire*. Paris: Letouzey et Ane, 1924. Tome VII, partie 1.

VIEILLARD, F.; GUYOTJEANNIN, O. *Conseils pour l'édition de textes médiévaux. Conseils Généraux*. Paris: École Nationale des Chartes, 2001.

VILAÇA, C. E. L. *Edição e estudo linguístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval "Livro de Isaac". Subsídios para o estudo da tradição italiana*. Belo Horizonte: Núcleo de estudos de crítica textual da Faculdade de Letras da UFMG, 2004 (relatório final de iniciação científica).

\_\_\_\_\_. *Libro dell'Abate Isaac di Siria (cod. ricc. 1489 da B.R.F.). Edição e confronto com a edição princeps de 1500*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008 (dissertação de mestrado em estudos linguísticos).

\_\_\_\_\_. *Libro dell'Abate Isaac di Siria. Edição crítica e glossário.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009 (tese de doutorado em estudos linguísticos, em preparação).

n u n t i u s   a n t i q u u s